

O ÚTERO

Um conto de Ronei Baldissera

A passarela e a realidade paralela

Ele se arrastava até a pocilga todos os dias. Alguns dias eram melhores que outros. Mas nenhum era bom. O ambiente sufocante daquele lugar lhe entrava pelos poros, sentia-o bem antes de tocar seus pelos. Havia uma passarela na entrada da pocilga que era como um marco. Quando ele chegava com seu carro, era como se entrasse em uma outra dimensão. O cruzamento desse marco sempre ditava como o dia seria. Naquele dia em especial, a passarela fica em silêncio em sua mente, o que sinaliza um dia morno, sem maiores sobressaltos além do já famoso assédio tradicional dos habitantes da pocilga. Todas aquelas faces com sorrisos fabricados, andando de um lado para outro. Todos aqueles ares de sabedoria acumulada na leitura de compêndios complicados. Textos esotéricos para a plebe. E muitos daqueles seres eram oriundos da plebe, reproduzindo o sistema do qual foram extraídos por decretos beneplácitos que pretendiam reparar injustiças pretéritas. Tinham orgulho de terem vindo de baixo, dos confins das terras. Tinham orgulho de terem vencido, de terem conseguido ultrapassar o fosso, o abismo entre o ter nada e o ter quase nada. Seus textos eram hieróglifos sem sentido para os não-iniciados. E eles discursavam como era importante que todos se dedicassem, pois assim teriam sucesso. Pois olhem para eles, bem-sucedidos na miséria de uma vida à procura de autoafirmação.

Ao cruzar os limites da pocilga, seus pensamentos correm. Naquele dia, em especial, está ácido. Toma três respirações profundas antes de entrar no prédio. Felizmente, pensou, ninguém cruzou com ele antes, o que significa que pode se esgueirar pelos corredores sem ninguém notar. Os Sapietes estão sempre em suas salas, afundados em seus computadores, escrevendo alguns hieróglifos, com os quais esperam aumentar seu *status*. Cada palavra digitada é um cifrão a mais em seus contracheques. Mas, ao entrar no prédio da pocilga, tem uma desagradável surpresa: alguns subalternos estão reunidos tomando seus cafés fumegantes em xícaras adornadas de bichinhos, ditados e zebrinhas, e dando risadas. Na mesma hora que entra, todos silenciam e direcionam seus olhares para ele. Imediatamente, um vento lhe sopra a face, está flutuando. Olha todos como se estivesse em um sonho. Força um sorriso, mas sua boca parece frouxa. Chove. A água fria molha seu rosto. Ao longe,

vozes difusas se misturam em um murmúrio desconexo. Procura prestar atenção. Aguça os ouvidos, mas é em vão. Parece que ouve pessoas através de um tubo. Subitamente, um zumbido forte em seu ouvido direito o faz acordar. Está em sua sala. Não lembra como chegou lá. O vozerio que escuta é dos subalternos conversando de novo animadamente.

Chove lá fora e a água bate na basculante semiaberta. A água bate em seu rosto. Algo chama sua atenção. Na porta, há uma pessoa pequena, com um rosto gigante e fofo no qual uns óculos também gigantes se insinuam. Seu corpo é frágil e meio esponjoso e leitoso. O cabelo estilo Chanel tem um corte impreciso, provavelmente realizado por algum parente. Seus olhos negros olham-no através das lentes com um ar questionador. Na hora, ele lembra que marcou uma hora com uma candidata à subalterna. Terá sua própria subalterna. Um *status* desejável que tem como objetivo final escrever cifrões em seu contracheque. Afinal, não é diferente dos outros. É mais um Sapiente preparado para produzir textos esotéricos que serão publicados em revistas chiques. Quanto mais cliques os leitores derem para tais textos, maior o prestígio. Ele se tortura entre o achar que isso é o que deve fazer e o achar que se não fizer isso estará tentando dar uma desculpa esfarrapada para não ser socialmente aceito entre os seus, humanos sapientes que escrevem textos esotéricos para angariar cliques e ganhar mais cifrões em seus contracheques.

“Oi, Sr. Sapiente”, diz a pequena pessoa com voz menor ainda. Ele quase não entende por causa da chuva torrencial que bate na basculante. Por fim, cumprimenta-a e pede que entre. Faz um preâmbulo rápido sobre os deveres e direitos de um subalterno. A cada pergunta sua, a pequena pessoa balbucia palavras inaudíveis. No meio do discurso, ele desiste de entender e devaneia em pensamentos desconexos sobre desejos de outros lugares mais honestos. A pessoa na sua frente acaba de falar e deposita seus enormes olhos negros sobre ele com expectativa. Ele confirma sua expectativa e a pequena pessoa abre um pequeno sorriso. E esse sorriso é como a explosão de uma supernova. Uma certa verdade perpassa aquele sorriso. Intriga-se. Acostumado com empertigamentos, desconcerta-se com aquela espontaneidade. A passarela reluz com um relâmpago que estoura o trovão e estremece toda pocilga. Algo havia acontecido.

A passarela e o intruso

Já havia se passado a tarde e ele não lembrava. Onde havia ido parar a menina minúscula e seus olhos gigantes? Uma figura adentra o recinto abafado do calor vespertino. É alta, lânguida e parece flutuar pelos corredores. Veste um traje completo branco, com uma gravata negro-azulada que reluz. Ninguém dá bola para essa figura, pois ela não parece um Sapiente. Não parece que escreve coisas complicadas e importantes para o progresso. Ela, essa Figura Lânguida, olha, ao fundo, a porta com a qual tem se deparado ininterruptamente nos últimos dias. Sempre que passa pela passarela. Ele não sabe, mas está interagindo com a figura, uma relação simbiótica se estabeleceu entre eles. Por enquanto, ele não sabe, mas vai entender mais cedo ou mais

tarde. Mas, nesse dia, as coisas mudam de vez, com a angústia do ser corroendo as suas entranhas. Treme com o espocar de um jato líquido de luz aérea, que o traz de volta ao que é em algum lugar do passado. Lembra novamente da menina minúscula. Essa lembrança lhe traz conforto, mas é fugaz. A fumaça etérea nauseabunda da pocilga retoma seu caminho para dentro de seu ser. E a Figura Lânguida para de costas junto à uma porta qualquer, vira o rosto e esboça um sorriso. Abre a porta e desaparece. Agora, ele adoce de novo. Um dos seus colegas Sapientes lhe questiona se está bem. Sim, sim, repete ele, sem certeza. “Só um pouco tonto. Acho que vou para casa”, diz. Mas o colega Sapiente lhe lembra que há um toque de recolher disfarçado. Que há uma hora exata para sair da pocilga. Que há uma hora exata para que a pocilga o libere para que volte à sua vida sem sentido, que não produz textos ocultos e empolados que contribuem para o progresso do Útero. Mas aquela menina minúscula tão transparente, tão autêntica, tão reluzente, tão verdadeira não pode vir daquele Útero. O Útero que ele conhece produz humanos sapientes úteis, nunca com ares sagrados e transcendentais. É perda de tempo, perda de cliques. De qualquer forma, mesmo que a própria pocilga não controle o ir e vir, os colegas Sapientes se encarregam de fazê-lo. Um bando de olhos e ouvidos atentos ao menor sinal de humanidade. Uma voz feminina o faz voltar ao presente. “Viu seu calendário hoje, colega?” Sim, havia um calendário com as atividades que precisavam ser desenvolvidas na pocilga, que estava vinculado com uma lista de suas próprias atividades. Havia esquecido. “Há uma reunião daqui 10 minutos” disse a voz feminina. Ele limpa a garganta, pigarreia e arrisca perguntar sobre a Figura Lânguida de traje branco para a voz feminina. “Quem? Deve ser algum candidato à subalterno; hoje, há um trânsito constante deles, pois foram liberados recursos para que nós, os Sapientes, escolhamos nossas crianças puras, que serão treinadas para contribuir para o progresso.” Sim, é claro, como não pensou nisso antes? Ele próprio havia entrevistado uma dessas crianças puras, uma menina minúscula de olhos gigantes. Quem sabe essa criança pura é seu salvo-conduto para sair daquele lugar infame? Seu anjo libertador. Sua própria imagem inconsciente da vontade deturpada de liberdade?

A passarela e o passeio

Lá na passarela, a Figura Lânguida para bem em cima da rua de entrada. Olha para baixo, olha para frente. Segura no corrimão e aperta os olhos, mas nada acontece. Teria que permanecer ali por mais algum tempo à espera dele. Ele ainda chafurda na areia movediça dos remorsos e dúvidas, está no limbo e a Figura Lânguida precisa ter paciência. Enquanto isso, ele sai, com seus colegas Sapientes, a percorrer as vias da pocilga que o levarão ao cadafalso. Durante a jornada, os Sapientes discursam sobre qualquer assunto, afinal, têm teorias sobre o funcionamento do próprio Universo. Seus *status* de Sapientes os autorizam a conjecturar livremente. Entre discursos cheios de certezas vãs, jactam-se dos textos esotéricos que haviam publicado, dos cliques que haviam angariado e dos cifrões nos contracheques resultantes. Comparam-se como meninos comparam seus membros rijos ou como meninas comparam suas bundas. Volta e meia, pedem a anuência dele para alguma afirmação e recebem um dar de

ombros misturado com um grunhido inaudível. “Você está bem, Sapiente? Parece avoado hoje”, comenta um de seus colegas. “Me sinto meio nauseado, queria ir embora.” Mas não pode. Ou não quer. Ou não tem coragem. Nessa hora, um frio lhe percorre a espinha. Na passarela, sem aviso, uma brecha no espaço-tempo se abre. A Figura Lânguida sorri, está chegando a hora. Nos jardins e passeios da pocilga, avista as crianças puras, as meio-puras e as iniciadas. É fácil distingui-las. A inocência e a espontaneidade vão, paulatinamente, dando lugar à empáfia. Seres grotescos gestados no Útero e cuspidos em pontos estratégicos da engrenagem. Os passeios da pocilga são ao ar livre, antigamente bem arborizados, mas os Mentores não suportam a natureza. As árvores nativas foram arrancadas e, em seus lugares, foram colocadas plantas de outros lugares, tudo em nome da estética do limpo e asséptico. Os Mentores têm horror à manifestação natural caótica. Tudo que lembre a falta de controle é negado, principalmente no que se refere aos Sapientes e seus subalternos. Eles devem percorrer caminhos justos e corretos em direção ao sacrifício, como gado. Antolhos disfarçados de estética!

Depois de percorrer os caminhos maculados pela ambição grotesca de perfeição dos imperfeitos Mentores, entram no prédio. Uma construção que lembra uma fábrica, muito convenientemente. Salas percorrem todo limite externo em vários andares. No centro do prédio, um vazio escuro, frio e úmido. Plantas artificiais decoram o lado do passeio e assentos de cimento estão disponíveis para quem quiser sentar e apreciar a ausência de apreço. Enquanto caminha, ele percebe todas essas coisas pela primeira vez. Sua consciência finalmente desperta para todos aspectos manipulatórios que os Mentores prepararam. Quem, em sua consciência, iria querer parar e descansar naquele lugar de frio tumular? Dessa forma, os Mentores garantem que não haverá aglomerações e os Sapientes e seus subalternos podem permanecer em seus recintos produzindo seus textos esotéricos que darão *status*, cliques e cifrões.

Sobe as escadas e seu estado doentio se intensifica. É assaltado por uma ansiedade etérica. Percebe, depois de incontáveis subidas, que aquele caminho é a epítome de sua desgraça. Partes de sua alma escorrem a cada degrau e a máscara é confeccionada. A originalidade dá lugar à falsidade. A naturalidade dá lugar à manipulação. A simplicidade dá lugar ao controle emocional e mental. Daquele ponto em diante, tudo que sente e pensa é minuciosamente preparado. Toda manifestação sincera é disfarçada por um semblante sério e inflexível, como devem ter todos Sapientes de valor. Os assuntos que serão discutidos exigem seriedade. O destino dos subalternos e das crianças-puras precisa se manter. O Útero precisa continuar fornecendo a matéria-prima indispensável para que a engrenagem funcione a contento.

A passarela e o café

Chega no Aquário. Passa pela porta de vidro. A Registradora Silenciosa olha de soslaio para ele e seus colegas. Sempre com a atenção disfarçada, ela registra em seu disco de memória as idas e vindas através de uma foto iridológica. Ele lembra muito bem. Certa feita, uma Registradora Silenciosa lhe abordou de forma veladamente inocente. “O Senhor Sapiente nunca está aqui de manhã, não é mesmo?” Sim. Eles

sabiam de todos seus passos. Agora, se deu conta de tudo. Não, não era paranoia. Eram muitas coincidências. A Figura Lânguida finalmente se coloca na entrada da brecha espaçotemporal, preparando-se para a Passagem Final. Ele adentra ao espaço interior do prédio tumular. Um corredor imenso percorre toda extensão da construção. Ao longo de seu comprimento, salas vazadas se seguem em perfeita sincronia. Dentro delas, os Sapientes e seus subalternos acionam as teclas de suas máquinas e produzem textos esotéricos que lhes garantirão autoridade nos discursos alhures. A visão do corredor infindo lhe tonteia. Na medida que percorre as salas, percebe os olhares furtivos em sua direção. Em cada sala, tudo se reproduz exatamente como uma cópia. Tudo perfeito para criar a ilusão da perfeição. Ao centro do corredor vertiginoso, a sala do café. A poucos metros, já ouve as risadas forçadas de piadas prontas. Sempre as mesmas. Já naquele ponto, uma voz se eleva sobre as demais. Reconhece-a prontamente. É o Sapiante-Mor, o jagunço dos Mentores. Sabe, de antemão, que qualquer manifestação na presença desse ser superior será ironizada de alguma forma. O Sapiante-Mor necessita exercer sua autoridade. Autoridade conferida por incontáveis textos esotéricos publicados em revistas de iniciados, que lhe renderam *status* e cliques. Tudo que o Útero mais ambiciona lhe fora ofertado por esse ser iluminado, essa mente divina. Adentra ao recinto com cheiro de máquina de café. Todos Sapientes baixam as vozes e pigarream. Um intruso chegou. Ele esquece das náuseas, das incertezas e uma raiva lhe ruboriza as faces. A rejeição lhe chega como um torpedo. O Sapiante-Mor, sapiente que é, distensiona o ambiente com uma brincadeira jocosa qualquer sobre o recém-chegado. Assim, exerce seu poder sobre os Sapientes menores com uma piada sem-graça que é efusivamente recebida. Ato contínuo, continua a narrar suas peripécias intelectuais bem-sucedidas. O volume de sua voz ecoa pelos quatro cantos do mundo uterino. Reafirma a realidade construída na ilusão da mente iludida por delírios de grandeza. Os Sapientes menores calam. Seguram seus queixos com suas mãos lisas de dedos longilíneos. Caem seus maxilares, babando de emoção frente ao poder supremo do Sapiante-Mor, posição que ambicionam indistintamente. Atentam sérios às afirmações intelectuais, como se entendessem cada palavra. Riem ruidosamente de cada bufonada.

Ele observa tudo de cima. Pela primeira vez, percebe os movimentos inconscientes dos conscientemente adormecidos. Como não percebera isso antes? A fonte de sua inquietação constante. O motor de sua ansiedade desmedida. A mistura alcaloide mais narcótica. Hipnose dos seres umbralinos se bravateando de seu intelecto. Uma lufada de ar etérico atinge seus olhos. Sua visão se ajusta e uma nova materialidade mais sutil acontece. Quase imperceptivelmente, percebe, nas íris dos outros Sapientes, mudanças súbitas. Ajusta a percepção visionária e quase desmaia com o que descobre. Nessa nova realidade, vê, certamente, que, por trás das íris dos outros Sapientes, há um nanochip. Uma certa eletricidade percorre esse aparato antecedendo cada ação. Na verdade, ele percebe que essa eletricidade aciona o nanochip antes de cada pensamento. Será que ele também possui isso? As dores de cabeça constantes e as náuseas devem ser resultado da tensão que sua consciência mais profunda exerce sobre a tentativa de efeitos desse aparato. “Colega, você está meio estranho hoje, está se sentindo bem?” Uma voz feminina lhe arranca de suas

conjecturas. Mais que conjecturas, ele finalmente entende como o Útero controla a engrenagem. “Sim, estou muito melhor!” Exclama. Finalmente, sua consciência se eleva a outro patamar. Agora, começa a entender o funcionamento de tudo. Por fim, está abandonando a sapiência. Está retornando ao estado mais puro, mais inocente, mais ancestral, mais desperto. O estado de caos. Paradoxalmente, esse entendimento lhe traz tranquilidade. De repente, tudo está no seu lugar. Paulatinamente, uma ideia começa a enraizar em sua mente. Na passarela, a Figura Lânguida faz os últimos preparativos para a Passagem Final. Ele está quase pronto para o desfecho.

A passarela e a reunião

Assim que deixa a sala de café, ela fica em silêncio. Percebe esse fato e instintivamente se coloca em alerta. Sente um jato de adrenalina percorrer seu cérebro, seu coração dispara e a respiração fica ofegante. O cadafalso se aproxima. Mas ele está iluminado nesse momento. Toda reação corporal é bem-vinda. O caos não é mais uma ameaça. É seu aliado. O entendimento da ordem só pode vir do entendimento do caos. Tudo está a serviço de algo inominável. Entra na sala da reunião. Todos os outros Sapientes já estão lá, sentados na mesa comprida com suas máquinas abertas. Seus dedos apertam botões que imprimem símbolos esotéricos em uma tela. Estão montando seus textos, que lhe renderão cliques e cifrões. Ele adentra à sala em um estado beatífico. Olha com complacência para os Sapientes. Já sabe que eles não sabem de nada. Senta-se em um canto da mesa. Todos Sapientes param de espancar as teclas de seus aparatos e olham para ele. Seus nanochips se acionam em um nanosegundo. Baixam as cabeças e continuam sua ladainha. O Sapiente-dirigente adentra ao recinto. Um ser desprezível que se apraz no afago das partes púbicas de seus superiores. Tudo lhe é perdoado, contanto que institua a ordem do Útero. Seu discurso verborrágico inicia. Para cada tarefa prevista, ele vomita uma teoria. Enquanto isso, os outros Sapientes mantêm as cabeças baixas. “Então, pode ser isso?” Pergunta o Sapiente-dirigente. Todos os outros Sapientes levantam suas cabeças, entreolham-se e concordam. Contanto que mantenham seus *status*, seus cliques e seus cifrões, não há problema. Voltam a martelar as teclas de suas máquinas de produzir progresso. Subitamente, todos param em uníssono. Batidas ecoam na porta da sala, que se abre lentamente. Por ela, entra uma Registradora Silenciosa. Ela chama seu nome. Ele se levanta sem hesitação e sem surpresa. “Você pode me acompanhar, por favor, Sr. Sapiente? Precisamos averiguar uma questão muito importante”, ela diz. Todos outros colegas Sapientes levantam suas cabeças e olham em sua direção. Seus nanochips estão eletrificados e há sorrisos disfarçados em seus semblantes. Ele sai da sala com a Registradora Silenciosa. Percorrem o corredor, passam pela porta que dá acesso ao Aquário e saem para o interior do prédio sepulcral.

Ele segue a Registradora Silenciosa em silêncio. Já sabe o que vai acontecer. Nenhum despertar é consentido no Útero. Antes de continuar, informa sua guia que precisa ir ao banheiro. Antes, passa em uma cantina e pega emprestada uma faca. Entra no banheiro. Para de frente ao espelho. Naquele novo estado de expansão do entendimento, imediatamente vislumbra o nanochip atrás de sua íris. Aguç a atenção

e percebe que, atrás do aparato, há um nanofio que transmite para a íris os impulsos eletromagnéticos gerados em algum lugar dentro de seu cérebro. Lentamente, introduz a faca em seu ouvido, fura o tímpano, sente o sangue escorrer. Continua sem hesitação até bater em algo consistente e sentir um clique. Pressiona a faca em direção à estrutura. Puxa a faca até que sai de seu ouvido uma estrutura biônica. Corta o nanofio que a conecta com o nanochip. Nesse momento, sua percepção muda novamente. Mas não a visão física, mas outra. Uma percepção extrasensorial. Na verdade, a percepção de si mesmo. Vê tudo como tudo é, não mais como foi condicionado pelo Útero. Todos os desejos somem, todos os pensamentos estão livres. Encontra a Registradora Silenciosa no passeio da pocilga e se encaminham para o Útero. Passam pela fila de crianças puras que esperam sua vez de conhecer os Mentores em pessoa. São as crianças puras escolhidas para trilhar o caminho para se tornarem subalternos. O primeiro passo para se tornarem Sapietes. Seres iluminados que produzem textos esotéricos para angariarem cliques e cifrões. No meio daquela multidão, vislumbra a menina minúscula de olhos gigantes. Ela se destaca entre todos. Possui aquela aura de pureza intocada, mais do que todos os outros. É a única que se conserva intocada. Mas sua senda rumo à aniquilação já iniciava. Timidamente, ensaia sorrisos forçados para se sentir acolhida no seio da iniquidade. Ele segue a mensageira e adentra ao prédio do Útero. No momento, vê o que estava escondido. As crianças puras recebem presentes que celebram sua iniciação aos mistérios dos Sapietes. Mas esses presentes são armadilhas. Cada criança pura recebe um fone de ouvido com o logotipo do Útero e um dizer que promete a “revolução do saber”. A revolução se inicia quando a criança pura coloca seu fone. Imediatamente, o mecanismo biônico embrionário é inserido no seu canal auditivo. Nesse momento, a criança pura transforma-se em uma criança meio-pura. Ele vê tudo com seus próprios olhos. Ninguém mais sabe o que está acontecendo. Nem mesmo a Registradora Silenciosa, nem mesmo os Sapietes, nem mesmo o Sapiete-Mor. Esse último já tinha sido cooptado para ser iniciado no mistério supremo do Útero, mas ainda lhe sobrava uma réstia de integridade.

A passarela e a fenda

Sobem as escadas. Passam pelo Aquário-mor. A Registradora Silenciosa do lugar está de pé, à sua espera. Nesse momento, ele para. Sabe o que está prestes a acontecer. Será subjugado ou perecerá. Seu plano está fadado ao fracasso. Sua voz não será ouvida. O Útero sempre será o mesmo. Não há razão na iniquidade. Não há coerência na insanidade. Percebe que seu plano de encontrar os Mentores e lhes punir com a verdade é puro egoísmo. Uma forma de se sentir melhor consigo mesmo por ter sido fraco o bastante para entregar sua alma daquela forma infantil. Os Mentores já sabem da verdade. De bom grado, eles entregaram suas almas. Nos seus corações nebulosos, acreditam que prestam um serviço ao progresso, à ordem, ao grande soberano da loucura e seus devaneios. Nada os demoverá de seus intentos nefastos. Quem acredita piamente a ponto de seguir sem questionar é o melhor animal de estimação.

Assim que vê a eletricidade percorrer o nanochip nos olhos das duas Registradoras Silenciosas, corre para a saída. As duas ficam paralisadas. Desce as escadas. No caminho, os seres estão estáticos lhe olhando. Chega no paço onde as crianças puras tagarelam. As crianças meio-puras estão estáticas também. Já foram dominadas pelo Útero. Encontra a menina minúscula com olhos gigantes quando ela está prestes a inserir os fones de ouvido. Arranca-os de suas mãos frágeis e grita em direção às crianças puras “Venham comigo, todos vocês!” Pega a mão da menina minúscula e sai correndo pelos passeios da pocilga. Todos seres, com exceção das crianças puras, que ficam surpresas, estão estáticos com um ar indagador. Alcança as escadas que levam à passarela. Intuitivamente, sabe onde deve ir. Consigo, arrasta, literalmente, a menina minúscula com olhos gigantes. Em certa altura, pega-a no colo e os olhos dela estão maiores que nunca. E sua pureza reluz. Chega ao final da escadaria e dobra à direita. A algumas dezenas de metros, vislumbra a passarela e a fenda. A Figura Lânguida o espera. Subitamente, vários Sapientes começam a aparecer de todos os lados. Corre o mais rápido possível. Os Sapientes cercam a fenda, mas não interferem. Ele para de frente para a fenda e para a Figura Lânguida. Percebe que os Sapientes têm receio da Figura Lânguida. Ficam indecisos. Entende que ondas cerebrais emanadas pela Figura Lânguida interferem no sinal do Útero. Os Sapientes não são mais influenciados. Começam a olhar seus corpos inquisitivamente. Começam a olhar uns para os outros como se fora a primeira vez. As máscaras caem por um instante eterno. Instantaneamente, um zumbido agudo ecoa. Todos contorcem-se, menos ele, que está sem o mecanismo biônico. A Figura Lânguida estende a mão para ele, lhe convidando a atravessar a fenda. Ele faz menção de continuar, mas a Figura Lânguida dá a entender que levar a criança pura sem consentimento é usar da mesma prática manipulatória que o Útero usa. Entende. Coloca, gentilmente, a criança pura no chão e fita seus olhos compassivamente. Ela retribui o olhar. Aquele olhar puro, inocente, intocado ainda está lá. Mas, há algo mais. Algo insidioso nascera dentro da criança pura. Ela experimentara algo novo, algo excitante, algo que poderia lhe trazer *status*, cliques e cifrões, um poder poderoso. Ele olha compadecido para ela. Sabe exatamente o que ela está sentindo. Já havia estado naquele lugar e havia escolhido se oferecer sem pudor aos vendilhões do templo. Entende, finalmente, que a pureza perdida nunca mais voltará. Que uma vez doada, a virtude original se esvanece para sempre. Ele só viu isso naquele momento porque esteve do outro lado. Viveu tudo que a ilusão pôde lhe fornecer e escolhera abandoná-la pelo desconhecido, pelo caótico, pela liberdade.

Olha mais uma vez aqueles olhos gigantes em que um ponto negro se insinua e faz um meneio com a cabeça. A menina minúscula sorri de verdade pela última vez, dá as costas para ele e se afasta em direção ao Útero. No caminho, coloca seus fones de ouvido. Ele sorri. Ela há de se lembrar no futuro. Talvez encontre o caminho de saída daquele labirinto. Todos Sapientes, que estavam confusos minutos atrás, agora acompanham a menina minúscula. Ele olha para a Figura Lânguida, que lhe oferece um sorriso de afeto e compreensão. Então, ele atravessa a fenda, que se fecha.